PROJETO "ZINESLITERATURA": UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

"ZinesLiteratura" Projetct: a methodological proposal for the teaching of geography

Proyecto "ZinesLiteratura": una propuesta metodológica para la ensino de la enseñanza de la geografia

Bruno Fantin Salvi

Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus Presidente Prudente

E-mail: b.fantin@hotmail.com

Danielle Silva Yabuki

Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus Presidente Prudente

E-mail: silva.yabuki@unesp.br

Resumo:

Este artigo propõe contribuições ao ensino de geografia, a partir de um relato de experiências do Projeto "ZinesLiteratura". O projeto que vem atuando desde 2016 na produção de fanzines como mídia alternativa, busca transmitir conhecimentos geográficos do lugar dos leitores, que articula uma metodologia de aproximação e construção de sujeito críticos, a partir da alfabetização geográfica. Neste texto, trazemos um resgate do contexto histórico do Fanzine no Brasil e em outras sociedades, além de abranger a discussão acerca da sua definição. O objetivo central é mostrar a evolução do projeto, bem como indicar quais são as contribuições para uma educação emancipatória a partir da produção de fanzines como material didático.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Fanzines, Lugar, Material Didático, Educação.

Abstract:

This article proposes contributions to the teaching of geography, based on an experience report of the “ZinesLiteratura” Project. The project that has been working since 2016 in the production of fanzines as alternative media, seeks to convey geographic knowledge of the readers' place, which articulates a methodology of approach and construction of individuals involved, based on geographic literacy. This text summarizes the historical context of Fanzine in Brazil and other societies, as well as opening a discussion about its definition. The main objective is to show the evolution of the project, as well as to indicate what are the contributions to an emancipatory education from the production of fanzines as didactic material.

Keywords: Geography Teaching, Fanzines, Place, Courseware, Education.

Resumen:

Este artículo propone contribuciones a la enseñanza de la geografía, basadas en un informe de experiencia del Proyecto "ZinesLiteratura". El proyecto que ha estado trabajando desde 2016 en la producción de Fanzines como medios alternativos, busca transmitir el conocimiento geográfico del lugar de los lectores, que articula una metodología de enfoque y construcción de temas críticos, basada en la alfabetización geográfica. En este texto, traemos un rescate del contexto histórico de Fanzine en Brasil y otras sociedades, además de cubrir la discusión sobre su definición. El objetivo principal es mostrar la evolución del proyecto, así como indicar cuáles son las contribuciones a una

educación emancipadora a partir de la producción de fanzines como material didáctico.

Palabras-clave: Ensenãnza de Geografia, Fanzines, Lugar, Material Didáctico, Educación.

Introdução

Este artigo apresenta os resultados e os andamentos do Projeto "ZinesLiteratura", que foi idealizado e desenvolvido por estudantes do curso de Geografia da Unesp em Presidente Prudente-SP. O Projeto se baseia na produção de fanzines, que com os desenrolares dos estudos proporcionados pela Geografia, passaram a ganhar sentidos científicos e informacionais direcionado para os públicos populares.

O Projeto "ZinesLiteratura" teve seu início em Presidente Prudente, no final do ano de 2016, com alunos de Geografia da Unesp interessados pela literatura marginal, ou como prefere o poeta Sergio Vaz, literatura periférica. Com esse interesse, e com a grande rede de sociabilidade dos jovens (TURRA NETO 2008), foi nos apresentado a técnica de fazer Fanzines, ou apenas zines, que são revistas artesanais, produzidas de forma independente pelo artista, como trataremos mais adiante.

As primeiras revistas do Projeto "ZinesLiteratura" foram produzidas afim de armazenar nossas poesias, contos e desenhos. Com a ajuda dos conteúdos geográficos adquiridos na universidade, foram iniciadas pesquisas a respeito da produção dessas revistas, o que contribuiu para uma simples ideia de distribuir a nossa arte, transformar-se em um possível instrumento de expressão e comunicação popular, contendo não só poesias e contos, mas agora, informações que contribuem para o Ensino de Geografia e para uma reflexão da realidade do público a quem o fanzine se destina. A partir

daí, formou-se de fato o Projeto, iniciando então estudos a respeito do que estávamos fazendo e de como poderíamos fazer, e descobrimos que produzir as revistas, é também, produzir material didático. Nos anos em que o projeto está na ativa, já obtivemos bons resultados a respeito dos objetivos que trataremos a frente.

Atualmente o Projeto "ZinesLiteratura" foca na produção de revistas informativas, destinadas a diferentes públicos, e busca através do conhecimento geográfico, proporcionar oficinas e minicursos em instituições e eventos promotores de cultura.

Pressupostos de investigação para o ensino a partir do Lugar

O conceito de Lugar, constitui-se como uma categoria dos conceitos-chaves da Geografia. Dentro do pensamento humanístico, esse conceito caracteriza-se através da interação dos humanos com a natureza, valorizando as relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos através da experiência no espaço. Esta relação simbólica e subjetiva está ligada as práticas espaciais do cotidiano dos sujeitos, que se constrói, por via de intencionalidades, sendo assim, para além de locais de passagem, é necessário se construir identidade no espaço para ser um lugar.

O espaço é um território político de disputa de poder, que se materializa na constituição das desigualdades socioespaciais. Harvey vai apontar que "a acumulação de riqueza, de poder e de capital passou a ter um vínculo com o conhecimento personalizado do espaço e o

domínio individual dele" (1992, p. 221). Dessa forma, torna a dimensão do tempo no espaço cada vez mais reduzida, um processo que resulta no apagamento da identidade histórica socioculturais embutidas nas formas. Neste contexto, vinculamos a ideia que sugere que as tendências homogeneizantes do mundo moderno resultam para a grande massa das pessoas, em uma atitude "inautêntica" em relação ao lugar e num estado de "deslugar" (LEITE, 1998).

Partindo desse pressuposto, articulando com a prática do professor no Ensino de Geografia, esse artigo tem como objetivo discutir e apresentar estratégias de construção de significados e incentivos a busca de conhecimento e educação, através do ensino a partir do espaço vivido. A cidade dentro do seu sistema de redes de fluxos, é um espaço que educa, como aponta Cavalcanti, Callai e Castellar (2007) e é no exercício da cidadania que o citadino reconhece seus direitos em relação a própria cidade que habita.

Os sujeitos têm direito a cidade? As pessoas são alfabetizadas geograficamente para ler as contradições presentes no espaço vivido? O lugar é um território que carrega forças e intencionalidades, e o poder que se exerce nele vem, principalmente, dos saberes dos sujeitos que nele vivem. Nesse sentido, buscamos trazer uma proposta do uso do fanzine, uma mídia alternativa como ferramenta de contribuição para uma educação emancipatória, preocupada em desenvolver o direito dos sujeitos de ler a cidade, problematizando-a na sua produção e organização espacial.

O que é o fanzine?

O fanzine ou apenas zine, da forma que nos foi apresentado por outros professores, é uma técnica de manejar uma folha de sulfite, afim de confeccionar um livreto. Os zines compõem uma mídia de produção totalmente independente, de tema livre, sem limites de quantidades de páginas, em que é possível copiá-lo quantas vezes o escritor achar necessário. É uma revistinha artesanal (FRANCO, 2014 p.39) de conteúdo livre.

A partir dos estudos realizados por nós do Projeto "ZinesLiteratura", percebemos que na maioria dos trabalhos que abordam tal tema, tratam a origem dos livretos de forma semelhante, no entanto trazemos um debate acerca das origens dos fanzines, diante das diferentes manifestações da técnica e aparições dos livretos que estavam abafadas dentro da história mundial e brasileira.

De acordo com os estudos de Gazy Andraus (2003) a respeito das origens dos Fanzines, temos em Roma Antiga, a mais de dois mil anos dos dias de hoje, uma mídia impressa chamada Acta Diurna, que era colocada na parede do fórum de Roma para que as pessoas se aproximassem e fizessem a leitura, na qual o conteúdo eram informações sobre o governo romano. Com o tempo este jornal passou a ser fomentado, podendo conter então notícias sobre óbitos, divórcios, casamentos e outros incidentes com pessoas importantes da época (ANDRAUS, 2003). Apesar dos Fanzines serem mídias, elas se diferem dos jornais de Roma devido a sua independência e alternatividade, sendo que o Acta Diurna era ligado ao Estado, por tanto era formal, se distanciando do conceito dos zines. Porém, na mesma época em Roma,

algumas pessoas passaram a escrever nas paredes dos lugares públicos, denunciando alguma pessoa que não teria quitado uma dívida, ou então alguma pessoa que houvesse traído a confiança de outra, como uma espécie de pichação. Esta prática então começa a se aproximar dos embriões dos fanzines como o conhecemos hoje, pois apesar de serem fofocas, o tema era livre.

Já pela Idade Média, na Europa, aparece na história o trovador, uma espécie de jornalista-repórter, que retratava as suas viagens, fazendo críticas sociais além de suas trovas e versos de amor (ANDRAUS, 2003). Esses trovadores recitavam seus escritos em voz alta para as pessoas acompanharem a sua leitura, e nessa prática, percebe-se a comunicação através de livretos, na qual o trovador guardava os seus versos. Porém, sabe-se que nesta época na Europa, a leitura era uma atividade exclusiva da nobreza e do clero, portanto, a ideia de panfletagem presente nos Fanzines atuais não era presente, pois as pessoas não recebiam as informações dos livretos como uma mídia, interpretando o texto escrito, mas podemos associar os trovadores, também, ao embrião da prática dos fanzineiros.

Ainda com base no trabalho de Gazy Andraus, podemos ver que por meados do século XII, com o aumento das populações das cidades europeias, começa a necessidade de formas de comunicação mais eficientes entre as pessoas, surgindo então as correspondências. A partir da troca de cartas, surgem as gazetas informativas, que segundo Andraus, é quando o fanzine aparece, de fato, parecido de como o vemos hoje. As pessoas que se interessavam pelo conteúdo de cartas e correspondências diversas, acabavam por fazerem cópias destas:

> "E alguns trechos de conteúdos destas cartas, que traziam novidades e curiosidades de vários assuntos, eram passados a limpo e copiados à mão em várias cópias que por sua vez eram vendidas nas ruas." (ANDRAUS, 2003 p.4)

A partir dos exemplos usados, buscamos trazer neste artigo o fato de que os livretos estão presentes nas sociedades como uma forma de comunicação. Os Fanzines são, por tanto, uma mídia, que segundo Santaella (2014, p.4) são meios de comunicação que intermedia a informação através de expressões. E assim, trataremos a seguir, como a ideia de fanzine se consolidou e trazendo também alguns fanzineiros que estavam repousando pela história do Brasil.

A palavra Fanzine tem origem da língua inglesa: ***fan****atic* *maga****zine*** que significa revista de fã. As primeiras práticas das confecções destas revistas, trazidas por autores que estudaram o assunto, foram nos Estados Unidos da América, na década de 1930, ganhando grande popularidade na década de 1960 com os movimentos de contracultura, quando a juventude, principalmente o movimento punk, buscava diferentes alternativas para trocarem informações a respeito do contexto social em que estavam inseridos (ASSUMPÇÃO et al, 2011).

Imagem 1: "Fanzine Ficção" para alguns oficialmente o primeiro zine publicado no Brasil.


FICÇÃO

Boletim do INTERCAMBIO CIENCIA — FICÇÃO "ALEX RAYMOND"

NOSSA PALAVRA

ALEX RAYMOND

Fonte: Marcus Ramone, 2015

Os fanzines no contexto brasileiro

Segundo Juliana Severino Borba, os Fanzines surgem no Brasil década de 1980, com o movimento punk e anarquistas, que não tinham espaço nas mídias convencionais e que encontraram nos Fanzines uma maneira de divulgar informações sobre os movimentos políticos (BORBA, 2015 p. 5). Porém, já encontramos na década de 60, a publicação de um Fanzine que, segundo Henrique Magalhães (2003), é pioneira, chamada Ficção (Imagem 1). Assim, podemos observar que não é certa a origem da prática de produzir Fanzines, e isso é, segundo

nosso levantamento, devido ao zine ser simplesmente uma arte sem definição absoluta. Expressar algo através de um "papel", que não esteja vinculado com empresas de comunicação ou as mídias convencionais, e que a prática de sua divulgação seja feita pela panfletagem dos próprios artistas, pode estar associada a produção de fanzines. Segundo Edgar Guimarães:

> "[...] publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de HQs antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que o editor julgar interessante. Os fanzines são o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas, que possam ser reproduzidas e enviadas a outras pessoas, fora das estruturas comerciais de produção cultural." (GUIMARÃES, 2000 apud. FRANCO, 2014, p.39)

A partir desta definição podemos resgatar uma técnica de produzir livretos que era praticada pelos negros no Brasil colonial. Como a história brasileira apresenta forte racismo e exclusão com a população negra, muitas práticas culturais, sociais, linguísticas e artísticas foram reprimidas e criminalizadas, assim não se sabe ao certo a origem das Cartas para Tocar. Estas cartas aparecem como pequenos livretos, contendo desenhos, orações, cantigas, e alguns negros carregavam consigo uma porção desses livretos. Não seria possível o

Projeto “ZinesLiteratura” ter conhecimento a respeito das Cartas Para Tocar, se não fosse a repressão por parte dos colonizadores.

A professora Fabiana Schleumer (2011), em um de seus trabalhos, fez um levantamento a respeito da presença dos negros na cidade de São Paulo na época colonial, e analisou os documentos do Arquivo Cúria Metropolitana de São Paulo, como registro de óbitos e processos criminais. Junto aos julgamentos realizados por crimes de feitiçaria, a autora encontra um curioso caso a respeito de um homem negro chamado Pascoal José de Moura, pintor e escultor, que foi acusado por produzir e entregar Cartas para Tocar para crianças que chegavam escravizadas ao Brasil, afim de oferecer proteção (SCHLEUMER, 2011).

No texto, a autora trata que o conteúdo dos livretos eram orações a São Marcos e São Jorge, desenhos parecidos com seres humanos enjaulados, mostrando que tratava das injustiças sociais a quais os negros estavam submetidos. Por tanto essas Cartas podem ser também, livretos informativos, mesmo que em contextos cruéis, eram destinados a um público de forma alternativa frente a imprensa e mídia da época, sendo inclusive uma prática criminalizada na época colonial (SCHLEUMER, 2011, p.4). Então, porque não considerar a prática das Cartas para Tocar usada pelos negros brasileiros desde os séculos passados, como produção de Fanzines, como estratégia de comunicação frente ao regime escravocrata? Para contribuir com a discussão, Tiago de Oliveira Lacerda nos traz uma definição para Fanzine:

> Pragmaticamente, podemos definir os zines como sendo produções independentes, que vão de encontro a qualquer censura, pregando a liberdade de expressão, abrindo espaço para todo tipo de comentários e opiniões, sobre as mais variadas temáticas e visões [...] (LACERDA, 2008, p. 4).

Com essa definição, percebemos que os Fanzines, com essa denominação, realmente não existiam antes das décadas de 1930 e 1940, porém a arte de criar livretos que contém informações que são destinadas a algum público está presente em diferentes momentos da história do Brasil.

Para ampliar mais ainda o nosso campo de debate, Luis Rafael de Araújo Correa (2017), nos traz em sua tese de doutorado uma outra aparição de "fanzineiros" no Brasil colonial. Em sua obra, o autor conta a passagem de um homem que praticou suas mandingas e foi condenado por feitiçaria. Este homem era um indígena livre, mas ele e sua companheira não aceitavam as doutrinas e regras impostas pela Igreja no Estado do Rio de Janeiro na época colonial, assim, viviam viajando pelo Recôncavo da Guanabara para fugir dos castigos praticados pelo clero. Nessas andanças Miguel Pestana aprendeu a confeccionar as Cartas para Tocar, na qual, junto com uma bolsa pessoas negras carregavam consigo, contendo as Cartas para Tocar e outros objetos que lhes ofereciam proteção contra as injustiças. Miguel Pestana teve a sua trajetória, o que não cabe a este artigo, porém, acabou por virar capitão do mato, e perseguindo um escravo que fugiu, onde encontrou o negro com Cartas para Tocar em sua posse, e por entender o significado destas Cartas acabou por liberar o homem que

estava fugindo. Isso é como se as Cartas tivessem salvado a vida do homem escravizado, o livrado da prisão, justamente como as orações das Cartas previam. Isso fez com que Miguel Pestana começasse a levar mais a sério a prática de produzir livretos e colocá-los em bolsas de mandinga, passando então a ser um mandingueiro conhecido. Em uma das "batidas" da Igreja, ele foi pego com as Cartas para Tocar e acabou preso, porém, mesmo na cadeia ele continuou produzindo os livretos e os trocando por algumas moedas, atraindo até pessoas com dinheiro para adquirir seus livretos (CORRÊA, 2017). Miguel Pestana acabou sua vida preso, sendo levado até Portugal e interrogado pela Inquisição pelo crime de feitiçaria. Caso muito semelhante ao apresentado por Fabiana Schleumer (2011), na qual a panfletagem de livretos, em troca de umas moedas ou não, era praticada por negros brasileiros quando ainda eram submetidos à escravidão e estas ações eram criminalizadas e tratadas como feitiçaria.

Portanto, podemos notar quão ampla seria a origem dos fanzines no Brasil e no mundo. Trazemos aqui estes argumentos, afim de resgatar a ideia de que os fanzines já estavam presentes no Brasil como forma de comunicação alternativa, e as suas práticas são mais antigas do que pensávamos. Ao longo dos próximos estudos do Projeto "ZinesLiteratura", buscaremos ampliar o horizonte em relação aos zines brasileiros, bem como fomentar e consolidar os debates sobre a prática da produção de livretos ao longo da história do Brasil, porém, buscamos trazer aqui, uma reflexão um pouco mais profunda sobre os Fanzines, através das definições sobre o que é, mostrar que eles estão presentes na sociedade antes dos movimentos de contracultura nos EUA, e no Brasil mesmo antes dos punks da década de 1980.

Projeto "ZinesLiteratura": transmissão de conhecimento através do Lugar

O Projeto "ZinesLiteratura" apresentado aqui, nem sempre teve objetivos definidos. No início, ainda descobrindo o que era um fanzine, nos apropriamos dessa mídia para transcrever nossas produções artísticas como poesias, crônicas, contos, desenhos e colagens. Apareceu como uma ideia nova, era uma ferramenta concreta na qual poderíamos armazenar, divulgar e eternizar nossas produções, nos tornando escritores. Nessa fase, os primeiros fanzines produzidos pelo Projeto (Imagem 2), ainda não tinham o objetivo de transmitir conhecimentos de conceitos geográficos, mas sim destinado a pessoas que se interessavam por poesias e crônicas. O Projeto sempre distribuiu os livretos nas ruas da cidade de Presidente Prudente-SP, em ambientes populares como a feira livre, nos pontos de ônibus e em espaços de lazer como o Parque do Povo, afim de encontrar todos os tipos de público para os fanzines, e a quem recebesse o zine, poderia, se possível, contribuir de forma simbólica para os artistas com algum trocado ou algo em troca, como uma forma de ajuda para a confecção de novos fanzines, incluindo gastos com os materiais das produções, locomoção até os locais de distribuição, em geral, uma contribuição para o Projeto como um todo.

Imagem 2: Primeiros fanzines do Projeto "ZinesLiteratura".



Fonte: Autor/Acervo Pessoal, 2020.

Através dos estudos proporcionados pela Geografia, fazer os fanzines e os divulgar pela malha urbana se transformou em uma mídia transmissora de conhecimento. Partindo do pressuposto que a cidade é um ambiente repleto de práticas educativas intrínsecas às práticas espaciais cotidianas, caracterizam-se estreitas ligações ao Ensino de Geografia (CAVALCANTI, 1998). Sendo assim, o Projeto passa a realizar suas produções com o objetivo de transmitir informações sobre a Geografia, partindo do lugar, criando a "Coleção TáLigado". Em sua primeira edição, trazemos uma abordagem acerca do Parque do Povo, local em que o próprio fanzine é distribuído. Esse parque é um dos cartões-postais da cidade de Presidente Prudente-SP. Na história do planejamento urbano das cidades, algo que persiste é a sua relação com seus rios, e nesse sentido, o Parque do Povo se articula a discussão por estar localizado sobre o Córrego do Veado canalizado.

Essa temática tornou-se conteúdo de um fanzine pelos decorrentes alagamentos que ocorrem nesse Parque a cada chuva

intensa. A partir daí, percebemos uma aproximação da produção dos fanzines não só com os conhecimentos científicos, mas com a profissão de professores de Geografia como agentes do processo de ensino e aprendizagem. A ideia de produzir zines aproximando as temáticas com a vida das pessoas que os recebem, passa a ser um meio de informação alternativo e informal, além de ser uma ferramenta de metodologia de produção de conhecimento, onde buscamos alfabetizar geograficamente os sujeitos a partir do seus lugares, contribuindo e se apropriando da ideia de Lana Cavalcanti (2016) de que a cidade pode ser compreendida através de seu próprio conteúdo, sendo um espaço educador. E os fanzines do Projeto surgem como um instrumento de trabalho para professores que buscam alternativas para suas práticas pedagógicas.

Com essas experiências adquiridas, tanto da busca pelo conhecimento e aprimoramento da técnica para produzir a mídia, quanto a partir do contato com os leitores, a ideia de fazer fanzines educativos ganhou objetivos mais sérios. A proposta do conteúdo é a transmissão com linguagem simples e direta, de forma a tornar o conhecimento acessível para aqueles que possuem pouco hábito de leitura possam refletir a respeito do assunto, ampliando os saberes da produção e organização do seu lugar, segundo Yves Lacoste (1989): "Não há geografia sem drama", e o fanzine aparece como um drama entre a teoria, a prática e os sujeitos que são público alvo.

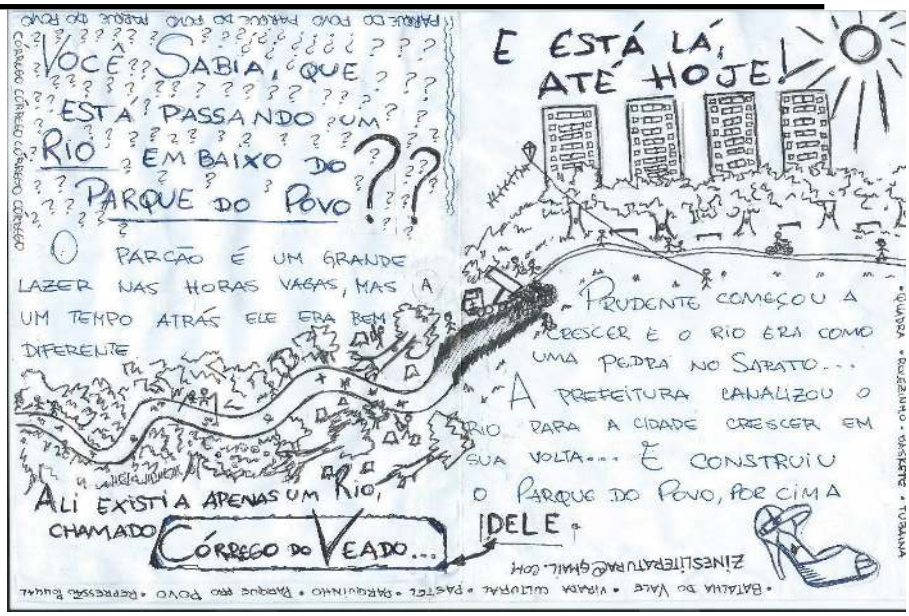


Imagem 3: Coleção "TáLigado" edição 1 - Parque do Povo.

Fonte: Autora/Acervo Pessoal, 2020.

Imagem 4: Parque do Povo em Presidente Prudente-SP.

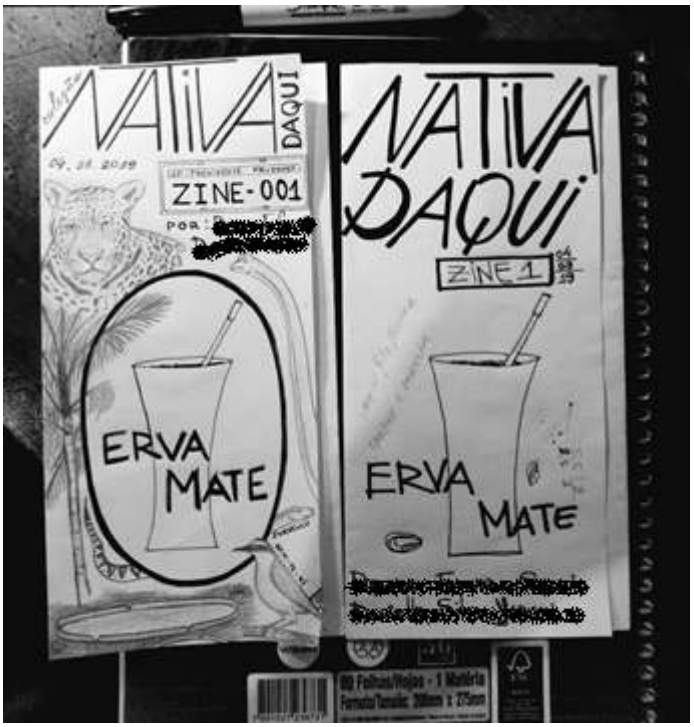


Fonte: Autora/Acervo Pessoal, 2020.

A Coleção "TáLigado" (Imagem 3), já comentada, está com três edições até agora, confeccionadas principalmente para o público infantil que estão entre o Ensino Fundamental I e II. São escritos com linguagem simples e desenhos objetivos, conteúdo direto sobre conhecimentos geográficos que estão presentes no dia a dia, e por isso, também são bem aceitos por jovens e adultos que se interessam pelas problematizações e conteúdo dos livretos.

O Projeto também conta com a Coleção "Nativa Daqui", que possui um formato de folheto clássico, um pouco mais estreito, ele aborda assuntos da fauna e flora originários do Brasil, buscando indagar nos leitores a reflexão das origens das espécies, e sua importância no contexto histórico. A sua primeira edição é sobre a Erva-Mate, que na região de Presidente Prudente-SP, é bem consumido culturalmente, as folhas da planta triturada com água gelada.

Imagem 5: Evolução da primeira edição da Coleção "Nativa Daqui".



Fonte: Autora/Acervo Pessoal, 2020.

Dentre planos futuros, o Projeto "ZinesLiteratura" vem construindo outros projetos paralelos, com novas coleções e arranjos de fanzines, além de continuar com a evolução das coleções já existentes. E além disso, buscamos apresentar perspectivas de compartilhar mais que nossos livretos, compartilhando o conhecimento da sua técnica de mídia a partir da construção de oficinas de fanzines.

Os fanzines como estratégia pedagógica

Além da importância do ensino informal fora da escola, na transmissão de conhecimento pelas ruas através dos fanzines, as revistinhas aparecem como um produtivo material didático, sendo uma alternativa para os professores trabalharem em sala de aula. Para formar a juventude com capacidade de leitura crítica (FRANCO, 2014), o zine aparece como uma alternativa para o professor, que além de estimular os jovens a se atentar a arte da literatura, ainda é um material informativo que pode ser utilizado para as transposições didáticas. É uma maneira, inclusive, de construir projetos interdisciplinares dentro da escola, envolvendo Artes, Geografia, História, Literatura ou qualquer disciplina de outras áreas da ciência, em que o aluno pode compartilhar com sua família e comunidade, distribuindo o conhecimento aprendido.

Sendo assim o fanzine é uma alternativa de metodologia pedagógica (BORBA, 2015) para aproximar o ensino a realidade do aluno. Como nos alerta Juarez Dayrell (2001), todo o contexto social em que o aluno chega dentro da sala de aula, rotulado para aprender em silêncio, já reduz drasticamente a chance de o professor conseguir aproximar a realidade do aluno com os conteúdos do currículo escolar. Paulo Freire (1996) traz em uma de suas obras que essa aproximação é fundamental para que a educação evolua e faça o aluno a pensar em seu contexto social:

> Por que não estabelecer uma 'intimidade' entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas

> áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida nesse descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos." (FREIRE, 1996, p. 31)

Sendo assim, devido ao grande número de alunos da sala de aula e as demais dificuldades, a mistura de um instrumento de comunicação com as vivências dos alunos pode ser uma estratégia para os professores de Geografia e de outras disciplinas, na qual é possível se aproximar o cotidiano do aluno, promovendo a cultura, e envolvendo os jovens na produção de seu material didático.

Oficinas de fanzines: a fantástica fábrica de escritores

O Projeto "ZinesLiteratura" teve a oportunidade de ministrar oficinas de fanzines, como forma de incentivo a busca de conhecimento, práticas de leitura e escrita. Nesta oficina construímos um cenário de discussão, onde indagamos as definições do fanzine como mídia, contexto histórico, técnica e aula prática, onde os participantes produzem suas próprias obras literárias.

No segundo semestre de 2018, através da licenciatura em Geografia, tivemos a oportunidade de realizar uma oficina de fanzines em um colégio de Presidente Prudente-SP. Ao final do bimestre na disciplina de Geografia, trabalhamos com turmas de 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental II, uma oficina onde os alunos foram instruídos a confeccionarem os seus zines com o tema principal relacionado a disciplina, o que não foi possível deixar o tema completamente livre, devido a avaliação dos conteúdos previsto no currículo que são exigidos nas instituições de ensino.

Após a apresentação do que era um fanzine, como ele pode ser usado, utilizando exemplos de alguns zines prontos, os alunos ficaram empolgados em todas as turmas. A oficina foi realizada em uma semana, ou três aulas em cada turma, e teve certo sucesso, apesar dos problemas relacionados ao excesso de energia e empolgação de alguns alunos e assuntos do cotidiano paralelos aos escolares, a oficina correu bem e todos os alunos fizeram os fanzines. Cada grupo apresentou o livreto para a sua turma, podendo levar para casa para mostrar para os pais, mas deveriam trazer de volta para que fosse feita a avaliação.

Todas as turmas foram divididas em grupos de 4 ou 5 pessoas, e cada grupo ficou com um assunto relacionando a temática central trabalhada no bimestre. Neste caso, tivemos que estruturar em subtemas também, para que a avaliação do trabalho dos alunos fosse mais clara. As turmas de 6º e 8º ano decidiram os temas através de debates, o 7º ano foi necessário o sorteio.

Os temas debatidos com as turmas de 6º ano foram os principais biomas brasileiros. Os diferentes grupos deveriam desenvolver zines a respeito dos seguintes temas: a) Quais são os biomas brasileiros e suas características; b) Qual a situação de preservação dos biomas; c) Qual a situação da destruição dos biomas. Cada grupo trataria ou de um bioma ou da situação destes. Os alunos produziram zines com uma grande qualidade artística, com desenhos e colagens interessantes a respeito do tema tratado. Já o debate foi um pouco limitado, pois a temática de biomas trouxe na maioria dos fanzines dados e características físicas, exceto pelos grupos que trataram da degradação e preservação, que trouxeram diferentes abordagens e posicionamento a respeito de questões políticas em suas revistas.

Nas turmas de 7º ano foi desenvolvida ao longo do bimestre a discussão a respeito das divisões regionais brasileiras e o contexto de cada região dentro do país como um todo. Logo cada grupo ficou responsável por debater uma região diferente, além de um grupo responsável por desenvolver um fanzine trazendo as diferentes divisões regionais do Brasil e mais detalhes sobre a utilizada oficialmente no material didático. Nesta turma surgiram diferentes perspectivas a respeito dos temas, os grupos desenvolveram maneiras lúdicas de expor as informações, como os estudantes que criaram um personagem com a profissão de entregador dos Correios, que viajava pelos estados da região Nordeste e explicava os diferentes contextos físicos e políticos. Outros alunos criaram uma personagem que tomava chimarrão e percorria pelos assuntos abordados sobre a região Sul expondo, por exemplo, a produção pecuária dos estados.

Já com as turmas de 8º ano debatemos globalização e os blocos econômicos. Alguns grupos ficaram responsáveis por discutir em seus fanzines alguns conceitos, como o da própria globalização, desenvolvimento e subdesenvolvimento, entre outros que estão presentes nos conteúdos escolares debatidos ao longo do bimestre. Outros grupos debateram alguns blocos econômicos e foi pedido que trouxessem a relação destes blocos com o Brasil. Os grupos, assim como no 7º ano, trouxeram uma abordagem lúdica e divertida a respeito dos temas, criando personagens que dialogam diretamente com o leitor a respeito das informações discutidas. Nesta turma, surgiram também debates políticos em diversos fanzines, como por exemplo o grupo responsável por trabalhar assuntos relacionados ao Mercosul, que trouxeram a discussão entre socialismo e capitalismo a partir de exemplos da América do Sul, expondo algumas opiniões e posicionamentos em suas revistinhas.

Imagem 6: Fanzines produzidos pelos alunos do colégio em Presidente Prudente.



Fonte: Autor/Acervo Pessoal, 2020.

A atividade obteve bons resultados nas três turmas, alguns tiveram notas menores devido a alguns critérios, mas a diversão das colagens, desenhos e as pesquisas mostraram que o fanzine é realmente uma forma do professor promover atividades construtivas e avaliar seus alunos. Os fanzines confeccionados pelos estudantes nos mostram que eles foram incitados a fazerem pesquisas teóricas e também artísticas, de imagens e desenhos para complementarem as informações e ao final construíram um produto final, concluíram sua pesquisa através do fanzine. Também os fanzines nos mostraram o entendimento dos conteúdos escolares a partir da perspectiva dos

alunos, que desenvolveram uma linguagem divertida e descontraída a respeito dos debates, nos indicando que os fanzines podem contribuir para uma metodologia lúdica e participativa em sala de aula, sendo um bom instrumento pedagógico para revisões e sintetizações de conteúdo.

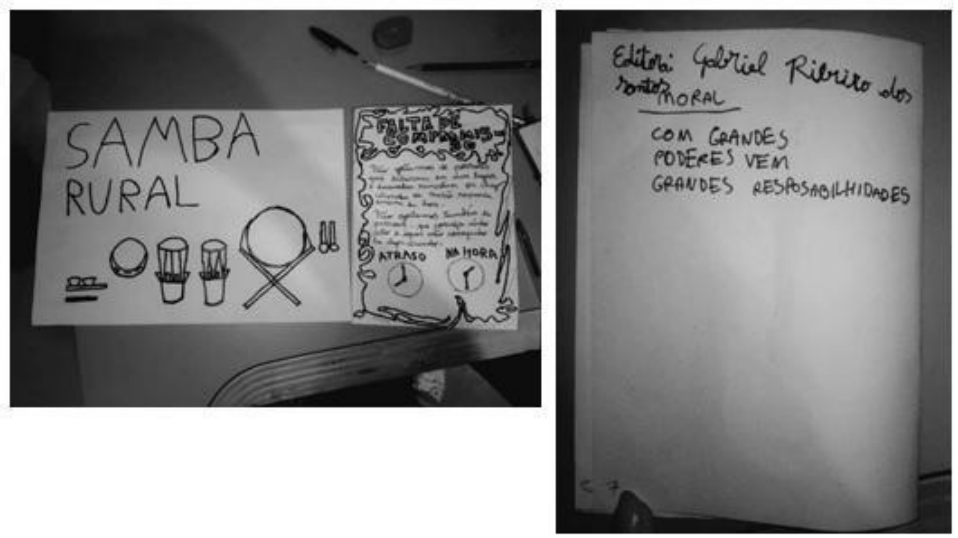
Apesar disso, uma falha deve ser destacada. Não foi pedido aos alunos que tirassem cópias de seus zines e distribuíssem para seus amigos, familiares e conhecidos, o que acabou fugindo um pouco da proposta dos fanzines tratada neste artigo, sendo que a revistinha deve circular, ter caráter de panfletagem. Sendo assim, para as práticas pedagógicas futuras que envolvam a ideia de Fanzine, fica o aprendizado, e para o Projeto "ZinesLiteratura" o incentivo, pois de armazenamento de poesias chegou até a uma sala de aula como materiais didáticos.

O Projeto também foi convidado a ministrar uma oficina no SESC, unidade de Birigui-SP, em setembro de 2019, na qual as turmas foram divididas em duas, em dias diferentes. A atividade aconteceu perante os materiais que o SESC disponibilizou e também alguns na qual o próprio Projeto confeccionou, no caso, um fanzine explicando como seria a didática da oficina. Na primeira turma, compareceram poucos participantes de início, porém ao longo do dia, crianças foram atraídas pela curiosidade e confeccionaram seus livretos, armazenando seus desenhos e ideias com a técnica que foi passada por nós do Projeto. A segunda turma, contou com um número grande de participantes, comparecendo alguns pais com seus filhos, na qual editaram revistas de histórias em quadrinhos inéditas e com base na criatividade. Alguns dos fanzines produzidos nesta oficina

surpreenderam os membros do Projeto, pois realmente as ideias das pessoas presentes foram muito criativas, nos mostrando algumas formas de manusear a folha de sulfite na qual nós ainda não tínhamos conhecimento.

A partir desta oficina realizada no SESC Birigui, e também das atividades realizadas no colégio, o Projeto "ZinesLiteratura" vem buscando ampliar o horizonte do conhecimento, recebendo convites e enviando propostas para escolas estaduais da cidade, na qual oficinas serão ministradas no decorrer dos próximos meses. Isso nos mostra o quanto a ideia de utilizar uma técnica de produzir uma mídia independente pode alavancar a criatividade e incentivar as crianças e adultos à prática da leitura.

Imagem 7: Fanzines produzidos pelos participantes da oficina.



Fonte: Autora/Acervo Pessoal, 2020.

Considerações finais

A partir dos estudos realizados sobre o tema e principalmente das vivências que foram proporcionadas pela prática de fazer zines, tentamos trazer neste artigo um pouco da arte de confeccionar folhetos para transmitir alguma informação utilizando esse formato de mídia. Uma prática presente desde séculos passados, devido ao seu caráter independente, simples e acessível, nós também praticamos esta arte, em nosso tempo e espaço. No entanto, não é possível separar o fazer fanzines, da responsabilidade de transmitir informações construtivas, dentro de uma perspectiva que histórico-dialética, seja em sala de aula ou para o público popular que caminha pelas ruas da cidade, que do inesperado aprendem uma informação útil e simples presente no seu cotidiano.

Para o Projeto "ZinesLiteratura", o fanzine que era desenvolvido apenas para armazenar poesias e desenhos, se tornou a ferramenta principal de dois professores de Geografia preocupados com uma educação emancipatória que alfabetiza criticamente e geograficamente, o olhar ao espaço vivido. Além disso, essa mídia alternativa é capaz de multiplicar escritores e amantes de literatura. O escritor, ou melhor, o fanzineiro, produz artisticamente as provocações que o provoca. O fã escreve sobre o que gosta, e nós do projeto "ZinesLiteratura" somos fãs de Geografia e de panfletar essa escrita da Terra.

Dessa forma, diante das práticas de professores educadores às margens, propor um ensino em que o aluno passe a pertencer ao conhecimento estudado, é um ato de resistência, de saber e de poder na construção de identidades. O trabalho de base é a educação, e do que serve a educação se ela não começa a partir do saber sobre o seu Lugar. Esse é o projeto de formação e de integração com a sociedade que buscamos.

Referências

ANDRAUS, Gazy. Gênese, história e importância das publicações independentes do Brasil e do mundo: Os Fanzines e as Revistas Alternativas. In: **Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, nº 1, 2003 (Rio de Janeiro-RJ). Disponível em: < http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/1o-encontro-2003-1>

ASSUMPÇÃO, Douglas; PINA, Eduardo; JUNIOR, José. Fanzine como mídia alternativa: uma análise do cenário belemense. **Revista ALTERJOR**. São Paulo, V. 02, Ed. 04, Ano 02, p.1-19. 2011.

BORBA, Juliana Severino de. **A confecção de fanzines como recurso didático no ensino de sociologia para ensino médio.** 2015. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais), Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.

CALLAI, Helena; CAVALCANTI, Lana; CASTELLAR, Sônia. Lugar e cultura urbana: um estudo comparativo de saberes docentes no Brasil**.** **Terra Livre**, v. 1, n. 28, p. 91-108, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos** / Lana de Souza Cavalcanti. – Campinas, SP – Papirus, 1998. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CAVALCANTI, Lana de Souza. O olhar geográfico em formação: Jovens Estudantes de Geografia e desafios urbanos contemporâneos. In: PAULA, A. F. de Assis, CAVALCANTI, Lana de Souza, PIRES, L. M. (Org.) **Os Jovens e suas Espacialidades**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016, p. 121-142.

CORREA, Luís Rafael Araújo. **Feitiço Caboclo: um índio mandingueiro condenado pela Inquisição**. 2017. 271f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017.

HARVEY, D. 1992. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo. Loyola.

DAYRELL, Juarez. A escola como espço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p. 136-161.

FRANCO, Fábio Poletto. **Geografia e Ensino: Elaboração de Fanzines como possibilidade na construção do conhecimento**. 2014. 271f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LACERDA, Tiago de Oliveira. **Fanzines - Uma faceta da comunicação alternativa na cidade de Campina Grande.** 07 f. 2008. Artigo (Graduação em Comunicação Social). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, Paraíba.

LACOSTE, Yves. **Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Yves Lacoste; tradução Maria Cecília França. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 21, p. 9-20, 1998.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia: Bertrand Brasil, 2003a.

RAMONE, Marcus. Há 50 anos: uma breve história do primeiro fanzine brasileiro. **Universo HQ**. 2015. Disponível em: < https://universohq.com/universo-paralelo/ha-50-anos-uma-breve-historia-do-primeiro-fanzine-brasileiro >.

SANTAELLA, L. Mídia, participação e entretenimento em tempos de convergência. **Revista GEMInIS**, p. 4-7, 19 maio 2014.

SCHLEUMER, Fabiana. RECRIANDO AFRICAS: presença negra na São Paulo colônia. **Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**. São Paulo, n. 46, fev. 2011.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade.** 2008. 526 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105044>.

Submetido em: 15 de outubro de 2021.
Devolvido para revisão em: 01 de fevereiro de 2022.
Aprovado em: 13 de fevereiro de 2022.

Como citar este artigo:

SALVI, B. F.; YABUKI. D. S. Projeto "ZinesLiteratura": fanzines como proposta metodológica para o Ensino de Geografia. **Terra Livre**, v. 1, n. 56, p. 246-278, Jan.-Jun./2021.